

A COISA EM SI

Antonio Alves

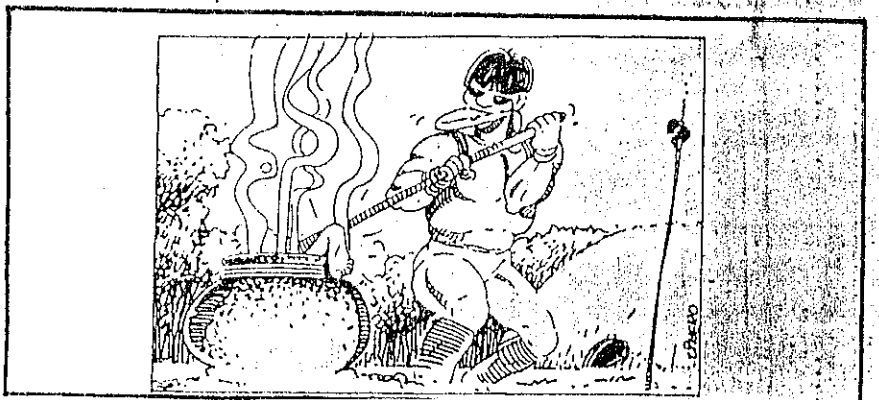


O Rio Branco - 23/01/88

O POVO MUDA

Muito bem, cara-pálidas, agora quero ver como é que vocês seguiram essa. Na mesma hora em que chega um decreto de Brasília transformando em "Colônia Indígena" a área apurinã do km 124 da BR 317, outro "decreto" aparece em cena. Este é dos índios Jaminaua, que simplesmente resolveram mudar-se da área do Alto Yaco, em Sena Madureira, para juntarem-se aos parentes que estão no alto Acre, em Assis Brasil. Uma população inteira, de mudança! Homens, mulheres, velhos e crianças, quilômetros e mais quilômetros de mata. A nova área que ocuparão, como será chamada pelo governo? Colônia? Reserva? Acampamento? E esse esforço heróico de um povo em busca de um lugar na face do planeta Terra, que nome o governo dá a isso?

As razões dos Jaminaua estão expostas no documento que segue, assinado por seus principais líderes. Leia, cara-pálidas, e entendam se forem capazes.



PORQUE O POVO JAMINAUA MUDOU-SE PARA O RIO ACRE?

"Nosso povo vivia antigamente nas cabeceiras dos rios Acre e Chandless, afluentes do rio Purus. Nas matas desses rios sofremos muitas correrias, que massacraram muitos de nossos parentes. Essas correrias foram organizadas pelos caucheiros e madeiros peruanos. Por causa dessas violências mudamos para o rio Yaco e lá fomos novamente perseguidos pelos índios Manchineri a mando dos patrões de seringais, principalmente pelo patrão Alfredo Vieira, do Seringal Guanabara. Depois dessas correrias passamos a ser escravos e peões do sr. Canisio Brasil, patrão do Seringal Petrópolis. Nesse tempo da escravidão não tínhamos direito a nada, até nossas mulheres se prostituíam para o patrão, seus seringueiros e empregados. Nessa vida de escravos vivemos até 1975 quando foi instalada a Funai em Rio Branco e um posto indígena no rio Yaco. No começo da atuação da Funai tudo era flores. A Funai chegou dizendo que ia libertar nossa gente do cativeiro dos patrões do Seringal Petrópolis. Arranjaram logo um projeto e fomos trabalhar para a Funai nas cabeceiras do rio Yaco, distante da sede do barracão do Seringal Petrópolis. Primeiro trabalho que fizemos para a Funai foi abrir uma pista de pouso na mata bruta. Depois a Funai fez um projeto para nós derrubar 80 hectares de terras para plantar café. Esse plantio de café não deu certo porque nós não conhecíamos a técnica de plantar café nem a Funai nos ensinou nada. Foi um grande fracasso. Nós temos costume de plantar macaxeira, milho e banana, mas café a gente não conhecíamos a técnica de plantio. A Funai botou logo a culpa na gente e aí começaram a fracassar na parte de assistência de saúde. A Funai levou a gente para um lugar isolado, onde não existe nem castanha nem seringa e praticamente nos fizeram depender dela pra tudo. É pior, ela não correspondeu as promessas que nos tinha feito no início. E cada vez está piorando mais. Só nesses dois últimos anos morreram 16 adultos e 6 crianças, praticamente à míngua por falta de medicamentos e assistência de saúde por parte do órgão federal, responsável pela nossa tutela. Outro grande erro da Funai foi colocar numa mesma área o nosso povo Jaminaua juntamente com o povo Manchineri, que não se davam direito com a gente e que no passado tinha feito correrias para matar os nossos parentes Jami-

naua. Sempre houve rivalidades entre o nosso povo e o povo Manchineri. Não dá certo colocar dois povos diferentes dentro da mesma área. Até tiroteios e facadas já aconteceram entre os Jaminaua e os Manchineri. Os funcionários da Funai, que passaram por nossas áreas, com a pouca miséria de medicamentos, mercadorias, rádio-fonia e pista de pouso, protegia mais os Manchineri do que a nossa gente. Até os enfermeiros da Funai que vão para o Yaco despreza o nosso povo.

Sem ter seringa nem castanha pra nós trabalhar e ganhar algum dinheiro, dependendo de miseráveis recursos da Funai, que sempre chegam atrasados, sem nenhuma assistência de saúde decente, vivendo isolados numa área de difícil acesso, vivendo junto com outro povo, que sempre provoca confusão e conflito com a nossa gente, sem pista de pouso e rádio-fonia em nossa aldeia, sem assistência dos missionários norte-americanos das Novas Tribos do Brasil, que não têm nenhum compromisso com as nossas comunidades e estão lá contra a nossa vontade e autorizados apenas pela Funai; enfim, por tudo isso que o povo Jaminaua decidiu mudar para as cabeceiras do rio Acre, onde já residem muitos dos nossos parentes. Lutamos tantos anos para demarcar a área do rio Yaco e agora que já está demarcada, a Funai deixou essa área no total abandono, sem assistência de nada, obrigando nosso povo a procurar melhores condições de vida em outras áreas.

Esse PMACI que deveria dar condições de proteger as nossas comunidades é uma grande mentira e enganação. Excluíram as comunidades indígenas do Acre do PMACI por decisão da Funai e do Conselho de Segurança Nacional. Agora o Governo Sarney quer transformar as nossas terras em Colônias Indígenas.

Por essa e por outras que estamos procurando melhores condições para o nosso povo pra gente viver numa outra área onde pelo menos exista seringa pra gente trabalhar e conseguir algum recurso para pelo menos não morrer à míngua por falta de medicamentos, como está acontecendo agora na área indígena do Alto rio Yaco.

A data é de 21 de janeiro de 1988 e assinam a nota José Correia da Silva, o Tunumã, líder Jaminaua do Alto Yaco e Antonio José da Silva, o Txadá, líder Jaminaua do Alto Acre.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Rio Branco

Data: 23/01/1988

Class: 09

Pg: _____